

QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO - A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Um estudo de caso

Vanessa Rocha da Silva¹

Dilian da Rocha Cordeiro²

RESUMO

O artigo aborda a importância da contação de histórias na Educação Infantil, destacando seu papel no desenvolvimento da linguagem, imaginação e empatia das crianças na educação infantil. A pesquisa busca compreender as concepções e práticas de docentes que atuam na primeira etapa da educação infantil, no que diz respeito a contação de história e a mediação de leitura. Foi realizada entrevista semiestruturada e realizamos a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicam que, embora a contação de histórias seja uma prática comum, há dificuldades relacionadas à formação dos professores, tempo e recursos. Também mostrou uma certa confusão por parte da docente sobre a distinção entre mediação e contação. Concluímos que há a necessidade de repensarmos a formação docente no tocante à diferenciação clara entre as práticas de contação de histórias e mediação literária e o papel que cada uma delas tem no desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Contação de histórias, Educação Infantil, mediação literária, práticas pedagógicas.

APRESENTAÇÃO

O ato de contar histórias desperta o interesse de crianças e adultos e é visto como uma ação também afetiva entre quem conta e quem está ouvindo a história. Esta ação, é significativa para o desenvolvimento infantil, e por esse motivo, é importante estar presente no cotidiano escolar, pois permite que crianças da mais tenra idade tenham **contato com um mundo imaginário e com valores que se deseja transmitir**. Mas não é apenas o acesso a este mundo imaginário que se alcança com a prática da contação de histórias, elas colaboram também na **formação do caráter e da personalidade, estimula a**

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. Vanessa.rocha@ufpe.br

² Professora Adjunta do Departamento de Ensino e Currículo – Centro de Educação – UFPE. Dilian.cordeiro@ufpe.br

oralidade, a criatividade e a socialização. Conforme Santos e Silva (2019), a técnica narrativa, a exemplo da contação de histórias, desempenha um papel fundamental na estrutura pedagógica da Educação Infantil, **ampliando o vocabulário e a propensão ao conhecimento.**

O contar histórias sempre esteve presente na humanidade. No princípio da formação das sociedades, os ensinamentos eram repassados através da oralidade para o grupo social e até para gerações advindas, visto que as histórias reais ou inventadas, permitiam ao seu contador, ser o centro das atenções do grupo social, até o surgimento da linguagem escrita na idade média. Mas como a linguagem escrita era para poucos, a transmissão de histórias através da oralidade, continuou com grande importância para a humanidade.

Entendendo a Educação Infantil como um período importante para o desenvolvimento das crianças, e caracterizado por descobertas significativas principalmente na construção da identidade pessoal, e compreendendo que existe uma diversidade de ferramentas pedagógicas, que auxiliam o professor em sua rotina, a contação de histórias apresenta-se como uma ferramenta pedagógica valiosa, que além de estimular a imaginação e a criatividade, contribui também para o desenvolvimento da criança, tornando-se uma prática pedagógica essencial nessa etapa.

Essa pesquisa é justificada, pela necessidade de investigar como ocorre a prática da contação de histórias no ambiente escolar. Contudo, **a contação de histórias para crianças tão pequenas exige um planejamento cuidadoso, que vai desde o trabalho de curadoria das histórias ou contos populares utilizados, aos recursos lúdicos empregados durante a prática pedagógica do contar histórias.** Os professores precisam estar preparados para selecionar narrativas adequadas à faixa etária. Além disso, é necessário saber utilizar recursos e estratégias que potencializem a experiência da contação, como músicas, gestos, expressões faciais e objetos sensoriais. A prática de contação de histórias pode estimular a linguagem, a imaginação e a empatia, além de fortalecer o vínculo entre educadores e alunos. No entanto, a sua eficácia pode variar dependendo de como é planejada e executada, das técnicas utilizadas e do ambiente em que ocorre.

Para compreender como ocorre esta atividade na rotina escolar e como ela é entendida enquanto prática por esses docentes, adotamos como campo de estudo uma unidade de educação infantil da rede municipal de ensino, escolhida por ser uma unidade com um reduzido número de alunos matriculados, o que permitiria que este tipo de atividade pudesse ser melhor executada.

Embora a contação de histórias seja uma prática pedagógica já estabelecida, há necessidade de investigar se **a atividade exercida é de fato uma contação de histórias ou uma mediação à prática da leitura**. Essa inquietação de pesquisa surgiu em virtude da observação em alguns espaços educacionais, nos quais alguns profissionais executam uma prática pedagógica, denominada por eles como contação de história, mas que na verdade, é uma prática de mediação de leitura. Isso levanta a suposição, que muitos profissionais em sua rotina, não sabem diferenciar essas práticas educativas distintas e estabelecer a finalidade de cada uma delas. Entendemos que na prática pedagógica temos e devemos ter espaço tanto para mediação, quanto para a contação de história e que, cada uma delas tem finalidades distintas.

O objetivo geral desta pesquisa, está na necessidade de **investigar como acontece a prática da contação de histórias dentro de uma Unidade Municipal de Educação Infantil**. Assim, definimos como objetivos específicos: Identificar o espaço que a contação tem na prática pedagógica de professores de creche; identificar e analisar as concepções de professores acerca da contação de história e da mediação literária; identificar e analisar as estratégias de contação utilizadas pelas professoras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A arte de contar histórias

A contação de histórias pode ser considerada uma forma de arte, pois envolve a criação humana, a expressão de sentimentos e a construção de conhecimentos, aspectos fundamentais da arte segundo Bello (2004 *apud* Oliveira, 2009). Esse processo permite que o ouvinte se envolva em um diálogo

permanente com o mundo, através da interação entre o narrador, o texto e a audiência. Abramovich (1997) descreve a contação de histórias como um mergulho em um universo de fantasia, onde o ouvinte não apenas escuta, mas também vivencia emoções como o medo e o riso, adquirindo, assim, novos conhecimentos. Coelho (2008 *apud* Oliveira, 2009, p. 20) complementa que essa prática é uma forma de incorporar a arte à vida, permitindo ao ouvinte e ao narrador transformar a realidade e compreender o mundo de maneira significativa.

A contação de histórias é uma prática milenar que transcende o tempo e as culturas. Essa forma de construção de conhecimento possibilitou que histórias e valores fossem perpetuados de geração em geração, servindo não apenas como entretenimento, mas também como um meio de expressar experiências humanas e interagir socialmente. Para Abate e Stoltz (2020), a prática de narrar e ouvir histórias permite a transmissão de saberes culturais e lições de diversas nações e civilizações. O ato de contar histórias promove uma conexão e compreensão aprimoradas entre o narrador e o público, neste caso entre o aluno e o professor, pois ambos compartilham a experiência narrativa. Valdeck de Garanhuns (2015) citado por Nascimento Oliveira (2021), destaca que grande parte do conhecimento humano foi transmitido através das narrativas orais e escritas, enfatizando a importância dessa prática na preservação e disseminação cultural. Além disso, o ato de contar, ouvir e recontar histórias permite que o ser humano se conecte profundamente com os outros e com seu próprio imaginário.

A prática da contação de histórias é fundamental para o desenvolvimento infantil, especialmente em crianças que ainda não estão no contexto de alfabetização. A contação de histórias na educação infantil é uma prática que transcende o simples ato de narrar e se estabelece como um meio de promover a interação social, construção de valores de uma cultura e o desenvolvimento de múltiplas linguagens.

Ao ouvir histórias, elas vivenciam emoções, estimulam a imaginação e ampliam sua compreensão do mundo. Nesse processo, o professor exerce um papel crucial como mediador, sendo responsável por criar um ambiente envolvente e estimular o interesse dos pequenos, inserindo essa prática no cotidiano escolar de maneira significativa. A contação de histórias é uma

prática pedagógica que tem sido valorizada como um meio eficaz de enriquecer a experiência educacional na Educação Infantil. Essa atividade, não apenas estimula a imaginação e a criatividade dos ouvintes, mas também promove um contato mais profundo com a linguagem e a narrativa, aprimorando habilidades como a oralidade e a escrita.

Através dessa atividade, a criança é exposta a uma narrativa que desperta sua curiosidade, funcionando também como uma ferramenta que permite o desenvolvimento de novas capacidades, além de trabalhar aquelas já existentes. Como afirma Abramovich (1999 *apud* Santana, 2018), a escuta de histórias "desperta a imaginação de quem a escuta", promovendo um ambiente em que as crianças vivenciam emoções e experiências que ampliam seu repertório cultural e crítico. Segundo Abramovich (1999) citado por Santana (2018), ouvir histórias é uma experiência de encantamento e prazer, que envolve os ouvintes em um processo de imersão emocional e intelectual. Nesse sentido, a contação de histórias se apresenta como uma prática que amplia referenciais culturais e literários, proporcionando um espaço para a expressão de sentimentos e ideias que ultrapassam o entretenimento.

Na educação contemporânea, a contação de histórias é reconhecida como uma arte que exige talento e dedicação. Coelho (2004, p. 50) ressalta que contar histórias vai além de narrar um enredo; é necessário que o narrador tenha uma predisposição e que desenvolva suas habilidades ao longo do tempo para transmitir a mensagem de forma envolvente e significativa. O sucesso dessa prática depende da capacidade do narrador de utilizar sua voz para expressar emoções e captar o interesse do ouvinte, ajustando a modulação e a intensidade de acordo com a dinâmica da narrativa. Assim, a contação de histórias não só entretém, mas também se configura como uma ferramenta poderosa de comunicação e conexão humana, potencializando o processo de ensino-aprendizagem de forma lúdica e significativa. De acordo com Abramovich (1997) é através da oralidade, através da voz dos responsáveis, que a criança tem um primeiro contato com a literatura.

Em um cenário globalizado onde a tecnologia avança sobre os métodos tradicionais de ensino, a contação de histórias resgata uma dimensão essencial do processo educativo, promovendo um ensino mais humanizado e menos robotizado. Em um contexto em que a tecnologia tem transformado os métodos

de ensino, muitas vezes de forma mecanizada, contar histórias mantém um espaço de interação mais humanizado e criativo. Para Rodrigues (2005 *apud* Oliveira, 2017), essa prática possibilita um canal entre o fictício e o real, onde a experiência do narrador e das personagens pode ser vivenciada pelo ouvinte, criando uma ponte entre a ficção e a vida real. Essa imersão no mundo das histórias amplia as perspectivas dos ouvintes, permitindo-lhes explorar novos contextos, emoções e pontos de vista. Assim, a contação de histórias se consolida como uma ferramenta educativa que vai além da simples construção de conteúdo, configurando-se como um espaço de reflexão, expressão e conexão com o imaginário coletivo.

2. Diferença entre mediação de leitura, leitura mediada e contação de histórias

De acordo com Moura (2018), **a diferença entre ler e contar histórias está relacionada às formas de engajamento com o público** e aos objetivos pedagógicos de cada prática. Para a autora, a leitura envolve a escolha de um livro e a interpretação das palavras escritas, geralmente associadas às ilustrações da obra, já a contação de histórias usa da oralidade, da expressão corporal, gestos, entonações e ritmos para assim, estabelecer uma conexão direta com os ouvintes. Segundo Moura (2018), a contação de histórias permite ao contador brincar com as palavras e entregar-se à narrativa de forma espontânea, criando uma experiência mais sensorial e imersiva.

É preciso diferenciar o ato de contar histórias da prática de leitura mediada e da mediação de leitura. Na mediação de leitura, o mediador vai além da simples leitura do texto, ele vai interagindo com as crianças para promover reflexões, perguntas e discussões acerca do conteúdo lido, enfatizando o diálogo entre mediador, crianças e texto, estimulando assim interpretações e interações com o material literário, de modo que o mediador utiliza estratégias de questionamento para incentivar o envolvimento e a participação ativa das crianças. A mediação de leitura tem como objetivo principal formar leitores, capazes de construir significado a partir do que é lido.

A leitura mediada por sua vez, envolve uma interação entre o mediador e o texto escrito, de modo que o mediador guia a interpretação do texto, auxiliando as crianças na compreensão e na interpretação das imagens e palavras, geralmente, é uma prática que mantém uma fidelidade maior ao texto escrito, sem grandes adaptações, onde o livro está sempre presente e é central para a prática.

A contação de histórias se caracteriza pela adaptação e vivência das emoções do narrador, que usa sua voz e entonação de forma artística para envolver o público. Coelho (2008 *apud* Oliveira, 2009) e Rizzo (1982 *apud* Oliveira, 2009) apontam que a contação de histórias exige maior familiaridade com o enredo, permitindo que o narrador faça adaptações e crie um vínculo emocional mais intenso com o ouvinte. A leitura mediada, por sua vez, mantém uma estrutura mais próxima do texto escrito, com o mediador guiando a interpretação, mas sem a flexibilidade criativa típica da contação. Santana (2018) traz o professor na figura de um mediador, sendo essencial que o educador atue como um mediador criativo, utilizando técnicas que possibilitem a participação ativa das crianças durante a contação de histórias. Ele durante sua prática pedagógica pode estimular a imaginação e a capacidade de interpretação das crianças, fazendo com que elas se envolvam emocionalmente com os personagens e o enredo.

Segundo Campos (1997 *apud* Lima, 2018), mesmo que a criança ainda não saiba ler, é essencial seu contato com os livros, pois isso amplia seu vocabulário e estimula o gosto pela leitura. No entanto, o desafio do professor está em transformar esse momento lúdico em uma atividade pedagógica de qualidade, que não se limite ao entretenimento. Simões (2000 *apud* Lima 2018) enfatiza que o educador deve agir como incentivador, demonstrando entusiasmo não só ao contar a história, mas também ao escutar as interpretações e "leituras" que as crianças fazem posteriormente, o que promove uma maior interação entre a narrativa e o desenvolvimento linguístico das crianças. Ao proporcionar um ambiente acolhedor e propício para a criação e recriação de histórias, a sala de aula se transforma em um espaço que, além de transmitir conhecimento, promove o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças.

3. Metodologias e técnicas utilizadas na contação de histórias

Para Coelho (2004, p. 13) o sucesso da contação de histórias depende de fatores que se interligam, como a escolha sobre que história contar, de acordo com a escolaridade e a idade da criança.

Quanto à adoção de técnicas específicas, elas são essenciais para que essa prática pedagógica tenha sucesso na Educação Infantil. Após a seleção da história, o narrador (docente) deve considerar diferentes recursos, como a simples narrativa, o uso de livros, gravuras, flanelógrafo, ou até mesmo a interação direta com os ouvintes. A simples narrativa, por exemplo, é uma técnica tradicional que se apoia na voz, expressão corporal e domínio completo da história pelo narrador. Segundo Dohme (2003 *apud* Santana 2018), narrar uma história apenas pela memória "é o que mais desafia o educador", mas também proporciona um fascínio tanto para o narrador quanto para a plateia. Esse recurso é ideal quando o narrador tem plena confiança em sua capacidade de prender a atenção do público sem o uso de materiais de apoio. Entretanto, é salutar esclarecer que a atividade de contação de histórias é uma atividade diferente da leitura em sala de aula, pois para essa atividade, não há apoio da leitura de texto. O livro nestes casos, deve funcionar apenas como apoio, como o uso de gravuras ou livros com ilustrações que complementam o enredo, uma abordagem que facilita o acompanhamento visual da narrativa pelas crianças. Demonstrado por Coelho (2004, p. 33):

Devemos demonstrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa.

Coelho (2004) destaca que essa técnica "incentiva o gosto pela leitura", além de contribuir para o desenvolvimento do pensamento lógico. As ilustrações ajudam a criança a construir uma compreensão mais concreta da história, tornando a narrativa mais envolvente. Moura (2018), menciona em sua pesquisa a importância da expressão corporal como um recurso essencial para envolver as crianças destacando que, além da voz, a contação de histórias pode ser enriquecida com gestos, movimentos e expressões faciais para cativar o público, de modo que a figura do contador deve idealizar maneiras de

conquistar os ouvintes, ajustando sua performance, para envolver as crianças de forma mais plena.

No que concerne à prática docente, dentro do contexto da contação de histórias, é fundamental que o professor utilize técnicas diversificadas para incentivar o desenvolvimento linguístico e imaginativo da criança, como propõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Essa prática, vai além da simples construção de informações, sendo um processo interativo entre professor e aluno. Como aponta Cajal (2001 *apud* Lima, 2018), "na sala de aula, alunos e professores constroem uma dinâmica própria", o que torna o ato de contar histórias uma ferramenta poderosa para engajar os alunos, estabelecendo uma troca de influências que favorece tanto a aprendizagem quanto a expressão emocional e cognitiva dos pequenos. Assim, o educador deve adotar uma postura que vai além de mediador, integrando-se ao imaginário das crianças.

O Ministério da Educação, no ano de 2022, lançou o guia de contação de histórias, para orientar educadores e responsáveis, como realizar uma contação de histórias, de acordo com algumas técnicas. Este guia também apresenta algumas ferramentas que podem ser utilizadas durante a contação. Neste guia, é possível observar a recomendação para a escolha do repertório para crianças até os 3 anos de idade:

"Nesta fase, inicia-se o desenvolvimento mental, do reconhecimento da realidade pelo tato, fase de descoberta de si mesmo e das pessoas ao seu redor. Por isso, há muita necessidade de contatos afetivos, para que sejam explorados os sentidos do mundo e novas descobertas, por meio da conquista da linguagem, presente no jogo simbólico. Nessa faixa etária, as crianças demonstram aumento constante de vocabulário e utilizam sentenças simples (formadas de três a quatro palavras), criando palavras para expressar suas necessidades. Gostam de bater palminhas, imitar gestos e sons; de dramatizar livremente; de ouvir os adultos repetir sílabas que pronunciam e encontram grande satisfação em ouvir, pois as palavras valem pelo som que produzem. Interessam-se pouco pelo conteúdo das histórias por não apreenderem a sequência lógica dos fatos. Gostam de ouvir histórias curtas e rimadas e de observar gravuras e ouvir músicas. Sua atenção é dispersiva. SUGESTÕES: histórias de bichos; contos rítmicos que sejam leves, lúdicos, bem-humorados e curtos; histórias de repetição; histórias utilizando as mãos ou os dedos; histórias utilizando muitas imagens; histórias dramatizadas com sons e gestos. (Brasil, 2022)

Quanto à formação dos professores para a contação de histórias, ela é fundamental, especialmente na educação infantil, onde a interação com histórias contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo e

emocional da criança. Segundo Doria *et al* (2023, p. 3), a contação de histórias é uma habilidade que vai além de ler um texto em voz alta; envolve o uso de entonação, expressões corporais e faciais, além de outras estratégias que tornam a narrativa mais envolvente. No entanto, Doria *et al* (2023) destacam que, embora a contação de histórias seja vista como uma ferramenta pedagógica essencial, muitos cursos de formação, como o de Pedagogia, ainda não oferecem uma preparação adequada aos futuros docentes, o que reforça a necessidade de investimentos em desenvolvimento profissional contínuo.

Considerando o referencial teórico apresentado, podemos considerar como resposta à pergunta de pesquisa, ainda que hipotética, que muitos docentes pensam estar realizando a prática da contação de histórias em sala de aula, quando na verdade, estão realizando uma prática de mediação literária. Isso pode ser consequência ao pouco acesso a disciplinas que permitam aos futuros docentes se apropriarem do processo e também, à própria rotina em sala de aula, que faz com que a prática de contação seja substituída pela leitura de um livro.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi do tipo aplicada, conforme a definição de Patton *apud* Mattar e Ramos (2021), que afirma que a pesquisa de natureza aplicada busca gerar conhecimentos aplicáveis à prática, direcionados a problemas específicos. Neste caso, a pesquisa buscou investigar como essa prática é realizada em uma unidade de educação infantil e como ela se diferencia da mediação literária.

A coleta de dados foi realizada em uma unidade de educação da cidade do Recife. A pesquisa contou com o apoio da equipe gestora da unidade e de uma docente responsável pela turma de crianças do grupo 1 (de 8 meses a 1 ano e 11 meses). Esta unidade foi escolhida para o desenvolvimento deste trabalho, por oferecer somente turmas até o grupo 3 da educação infantil, ou seja, categorizada como creche. Em relação aos objetivos da pesquisa, a abordagem adotada foi exploratória, considerando que o estudo buscou

compreender as concepções, práticas e percepções de um professor sobre a contação de histórias na Educação Infantil. Além disso, foram utilizadas fontes bibliográficas, que forneceram o embasamento teórico necessário para a análise crítica das informações coletadas.

A coleta de dados incluiu uma aplicação de **entrevista semiestruturada com uma docente na unidade, para conhecer a respeito da percepção sobre o tema**. A abordagem adotada foi qualitativa, pois buscou-se investigar em profundidade os significados e a prática dos professores em relação à contação de histórias. De acordo com Mattar e Ramos (2021, p. 131), a pesquisa qualitativa tem como objetivo:

As pesquisas qualitativas têm como objetivo geral compreender determinados fenômenos em profundidade. Isso implica explorá-los e descrevê-los por diversas perspectivas, além de compreender os significados e as interpretações que os participantes da pesquisa atribuem a esses fenômenos e às suas experiências.

A entrevista semiestruturada foi aplicada com a docente responsável pela turma do grupo 1, permitindo que ela expressasse suas compreensões e descrevesse como incorpora a contação de histórias em suas atividades pedagógicas. O roteiro de entrevistas foi elaborado de forma a abranger questões relacionadas a:

- A frequência com que a contação de histórias é realizada;
- O planejamento e a seleção das histórias;
- A percepção do docente sobre os objetivos educacionais realizados por meio dessa prática.

Após a coleta das informações por meio da entrevista semiestruturada, os dados foram organizados e detalhados em etapas, conforme a abordagem qualitativa proposta por Bardin (2016 *apud* Mattar e Ramos, 2021, p. 276), que propõe a Análise de Conteúdo como método de interpretação sistemática e critério das informações. Esse método permitiu categorizar os dados e identificar padrões ou temas recorrentes.

Os dados foram organizados e categorizados com base nas principais questões abordadas no roteiro de entrevista. As categorias emergiram tanto da fala da participante quanto do referencial teórico.

Algumas das categorias definidas foram:

1. Frequência e Rotina da Contação de Histórias
2. Percepções do Professor sobre os Benefícios da Contação de Histórias
3. Diferenças entre Contação de Histórias e Mediação Literária
4. Dificuldades e Desafios na Prática de Contação de Histórias
5. Metodologias e Técnicas Utilizadas na Contação de Histórias.

Caracterização do sujeito de pesquisa

A docente entrevistada possui experiência prévia na Educação Infantil e já atuou em outras turmas dentro da faixa etária pesquisada. É professora da rede pública há 12 anos, estando atualmente em sala de aula, com crianças do grupo 1. Possui formação em Pedagogia pela UVA, também exerce a função em outra rede municipal.

RESULTADOS

A pesquisa visa compreender a prática de contação de histórias na Educação Infantil, investigando como essa prática é realizada pelos professores, quais são os métodos e estratégias usadas, suas percepções sobre os benefícios dessa prática, as dificuldades encontradas e as distinções percebidas entre a contação de histórias e a mediação literária. A partir dos dados encontrados, foi possível identificar padrões que corroboram com o referencial teórico e também algumas divergências que podem refletir a realidade da implementação dessa prática no contexto escolar.

1. Frequência e Rotina da Contação de Histórias

Ela afirma que o trabalho pedagógico com crianças pequenas apresenta particularidades específicas, devido à fase de desenvolvimento dessa faixa etária. No ambiente da creche, os professores contam com o apoio de auxiliares, o que facilita a condução das atividades pedagógicas e o cuidado

individualizado com as crianças. A professora destacou que suas práticas pedagógicas estão alinhadas às políticas de ensino condicionadas pela rede de educação municipal, especialmente no que diz respeito aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento preconizados para a Educação Infantil. Dentro desse contexto, o trabalho com a oralidade foi apontado como uma das prioridades, sendo a contação de histórias uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do vocabulário na primeira infância: *“Então, primeiro a gente parte, assim, desse respeito à criança. E sempre fazendo avanços que possam, assim, instigar nessa oralidade”*. Entretanto, a docente relatou que a contação de histórias não é colocada como atividade especificada com objetivo em seu planejamento: *“Eu sigo mais uma abordagem que acredito que as crianças aprendem a partir das experiências. Então, assim, não existe aquela coisa de atividades na educação infantil. Mas interações, eles vivem em si. A partir daquilo que a gente vai organizando esses espaços para que eles possam ter experiências e que as aprendizagens aconteçam. Dentro do meu planejamento, eu trabalho com a organização dos espaços, do tempo e de materiais. E essas contações de histórias vêm dentro também desse contexto. Quando eu organizo o espaço para esse acolhimento e trago a história dele. Então, faz parte dessa minha vivência, dessa organização, também trazer esses momentos para as crianças. Mas não é algo como uma atividade. É algo mais acolhedor e prazeroso. Algo deleite”*.

A contação de histórias foi identificada como um momento importante e aguardada pelas crianças, sendo realizada pelo menos duas vezes por semana. A análise das respostas sobre a frequência da prática de contação de histórias revelou que, a contação de histórias é realizada de forma regular, com destaque para a prática diária ou semanal, especialmente em momentos específicos da rotina escolar, como após o recreio ou no início da manhã: *“De contação de histórias. Eu acho que acontece, acho que não. Acontece, geralmente, assim, dentro das minhas vivências, nesse bom dia, nessa roda, nesse momento de roda. Ou pós-parque. Porque quando a gente vem, que vem todo mundo muito agitado, aí começa o banho também, é um momento para que a gente traz aquela calma. Quando a gente tem essa vivência de contação de histórias”*. Essa frequência está alinhada com as recomendações de autores como Santos e Silva (2019), que destacam a importância de

integrar práticas narrativas de forma constante no cotidiano escolar para o desenvolvimento linguístico e afetivo das crianças.

2. Percepções do Professor sobre os Benefícios da Contação de Histórias

Apesar de considerar a importância da prática, foi observado que, na maioria das vezes, há um predomínio da mediação de leitura, com o uso de livros de histórias, em vez da contação oral espontânea, o que aponta para a necessidade de uma distinção mais clara entre essas duas práticas pedagógicas.

A professora expressou uma visão positiva sobre os benefícios da contação de histórias, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da empatia das crianças. Esses resultados corroboram com os estudos de Kramer (2006) e Santana (2018), que apontam que a contação de histórias não apenas contribui para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a construção das habilidades sociais e emocionais. Ela comentou que a prática favorece o vínculo entre professor e aluno, tornando o ambiente escolar mais acolhedor e estimulante para as crianças.

Além disso, também foi mencionada que a gestão da unidade está providenciando, com a colocação de um local com acervo de livros em cada sala, o que pode facilitar a atividade: *“Na nossa sala, até chegou os contos de leitura, para que eles tenham esse livre acesso. Na altura deles, respeitando essa questão. Para que eles possam ter esse acesso ao livro. Antes, assim, a gente organizava esse espaço. O espaço trazia esses livros para que eles tivessem um desenho. Mas, hoje nós temos esse acesso”*.

A docente entrevistada considera que o primeiro contato das crianças com histórias desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil. Esse contato inicial contribui tanto para a ampliação do vocabulário quanto para o despertar do interesse pelas histórias, o que pode influenciar positivamente o gosto pela leitura e o aprendizado futuro. Foi relatado a importância da prática no período de acolhimento e adaptação da criança na rotina escolar.

3. Diferenças entre Contação de Histórias e Mediação Literária

No entanto, foi identificado que a professora entrevistada não possui uma definição clara das diferenças entre a contação de histórias e a mediação de leitura, o que pode gerar confusão na aplicação pedagógica dessas práticas: *“Contação de história e mediação de leitura. Então, se eu tentasse entender como são, talvez seria esse momento que a gente traz, né? O momento que a gente deixa para contar a questão dessa criança e essa mediação de leitura. Talvez esteja um pouco ligado um com o outro, mas... Mediar a leitura está mais no fato de você estar dando, talvez, uma contribuição para que essa criança consiga construir essa leitura. Uma criança, muitas vezes, principalmente quando elas já estão, por exemplo, um ano e oito meses, no segundo semestre, elas já pegam esse livro. Já tive várias. Elas já pegam esse livro, elas já fazem a própria leitura. Então, é uma construção. A gente começa com essa contação e lá na frente, essa mediação vai acontecendo gradativamente, porque essa criança já vai se interessando pelo livro, já vai se interessando pela leitura. E aí ela já faz o seu reconto, a sua maneira. Ela folheia, ela conta. E aí a gente pode estar refletindo essa vivência, talvez”*. Esse ponto reforça a necessidade de formações mais direcionadas e específicas sobre o tema. Mas ela, enquanto educadora, afirma que utiliza a leitura de livros como parte da contação de histórias, mesmo que seja para ilustrar a prática: *“Principalmente, por exemplo, se for questão de livro, né? Tem imagens. Às vezes, não é nem uma questão da história. Às vezes, a gente cria a história a partir da leitura daquela imagem. Então, a imagem é interessante nessa perspectiva”*. A mediação literária, conforme planejada por Moura (2018), envolve a interpretação do texto escrito com o auxílio de elementos gráficos e visuais, enquanto a contação de histórias se caracteriza pela oralidade, expressão corporal e adaptação criativa da narrativa. Essa falta de distinção entre as práticas pode ser atribuída à falta de formação específica e à rotina acelerada das escolas, o que impede que os professores se apropriem plenamente das técnicas de narração oral, como proposto por Coelho (2004).

4. Dificuldades e Desafios na Prática de Contação de Histórias

Uma das dificuldades destacadas na entrevista, foi sobre a formação, apesar da rede disponibilizar formação para a educação infantil, a docente relatou nunca ter passado por formação na área de contação de histórias, apenas cursado disciplina de literatura infantil na graduação: *“Literatura infantil, eu já tive algumas, muitas são eletivas, não obrigatórias, mas eu fiz”*. Na unidade, há uma professora que atualmente ocupa cargo na gestão, que já possui uma ampla experiência nesta área, como participação em projetos e curso de formação. Essas dificuldades estão em consonância com o que foi apontado por Doria *et al.* (2023), que destacam a importância de investimentos em formação e recursos para que a prática de contação de histórias seja eficaz e contínua.

Apesar da ausência de uma biblioteca na unidade de ensino, os professores têm acesso a um acervo de livros da instituição, o que possibilita o planejamento das atividades de contação e mediação de leitura. A unidade de educação, está em processo de implantação de estantes com alguns livros em sala para facilitar o contação das crianças com a literatura. Ainda assim, também foi citado que se houvesse maior disponibilidade de obras, estas poderiam ser ofertadas também para as famílias, fortalecendo o vínculo aluno-escola-família, no processo de aprendizagem.

A entrevistada afirmou que a rede de ensino oferece formações na área da Educação Infantil, mas que, às vezes, recorre a materiais disponíveis em redes sociais para complementar seus conhecimentos e buscar inspiração para atividades pedagógicas em geral: *“Acho que eu procuro como um todo. As várias áreas que eu acho necessárias para conhecer melhor a criança, por exemplo, para ver como é a questão da maturação, desse processo de desenvolvimento, como acontece. Mas, assim, a contação de história me faz parte. Mas não é uma busca muito focada. Mas eu conheço algumas contadoras. A gente se inspira”*. Quando perguntado se houve durante o período de formação, alguma disciplina direcionada ao tema, ela informou que não existiu disciplina específica, e o contato com esse tipo de atividade prática veio da própria vivência em sala de aula: *“Não. É mais a questão da prática mesmo”*. Esse dado evidencia uma lacuna na formação inicial e continuada dos professores, apontando para a necessidade de uma abordagem mais aprofundada sobre a contação de histórias em programas de capacitação:

“Porque eu acho que a academia, ela traz muita teoria, mas a prática, em si, fica distante. E, assim, quando a gente faz aquele curso, paga uma cadeira, eu acredito que teria mais um contato maior com a prática, sabe? Com esse, no meu livro. Que vai me trazer esse suporte, e dar essa mudança, essa contribuição, para a minha prática hoje. Então, acho que isso é interessante, é interessante entender esse espaço”. Quanto às metodologias e estratégias utilizadas pela professora, observa-se uma diversidade de abordagens. A educadora utiliza livros ilustrados e recursos sensoriais, como objetos táteis e músicas, para tornar a contação mais envolvente e acessível às crianças, quanto aos recursos: *“A gente tem na unidade, alguns materiais que a gente está utilizando para a execução. Que é algo que é compartilhado com todo mundo. Não é só da minha sala. Quando a gente vai para o almoxarifado, a gente já está pensando em como organizar aquele espaço e o que vai ser realizado naquele dia. E a gente utiliza esse material (e depois devolve para o almoxarifado”.* Essa prática está em consonância com o que propõe Coelho (2004), que enfatizou a importância de adaptar as histórias à faixa etária das crianças, usando recursos que estimulem a interação e a compreensão: *“Nas rodas de conversa, nesse momento de roda, eu acho que nesse início, como eles são muito, aqui no caso, são muito bebês, né? A gente começa com essa roda, a gente cantando, trazendo mais essa questão dessa musicalização. A partir daí, também, a gente introduz também essas histórias cantadas, né? As brincadeiras cantadas, as histórias cantadas, e também a questão do livro e contação de histórias, né? Até o registro que já se iniciou, assim, sabe? E mesmo nesse processo difícil de adaptação, a gente lá inicia trazendo, né? E isso chama muita atenção deles”.*

5. Metodologias e Técnicas Utilizadas na Contação de Histórias

Os professores dispõem de uma variedade de ferramentas pedagógicas para tornar as histórias mais interessantes e interativas, como bonecos, mamulengos (fantoques), livros com figuras e a própria linguagem oral, sem o uso de materiais adicionais. A seleção das histórias segue critérios de adequação na faixa etária, buscando atender às necessidades e interesses das crianças: *“O livro, o fantoche, A gente vai construindo até a questão do próprio*

corpo, que a gente também utiliza, Com gestos, com os movimentos, para trazer. Às vezes, outros materiais. Algumas histórias, assim, quando estão utilizando as várias facetas para chamar a atenção dessa criança. Para despertar esse interesse. Porque, assim, bebês é o seguinte. Eu penso nisso hoje e, ah, isso vai chamar a atenção. E nem chama a atenção. Às vezes, uma outra coisa que você nem espera, assim, naquele momento, vai e utiliza e já facilita essa atenção deles para aquele momento". As docentes enfatizaram que o momento das histórias é planejado para ocorrer quando as crianças estão mais calmas e concentradas, geralmente após o momento do bom dia ou após a recreação no pátio, o que potencializa a atenção e o envolvimento dos pequenos.

Embora a prática de contação de histórias seja reconhecida pelos professores como uma ferramenta pedagógica, ainda há desafios a serem enfrentados para que ela seja integrada na rotina escolar de maneira consistente e eficaz. A falta de tempo durante a rotina escolar, os recursos adequados e a formação contínua são barreiras que impactam a execução plena dessa prática. Para que a contação de histórias seja realmente eficaz, é necessário que os educadores recebam apoio em termos de capacitação e materiais, além de um maior reconhecimento do valor pedagógico dessa prática no currículo da Educação Infantil.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa evidenciou a importância da contação de histórias como uma ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil. Ficou claro que, apesar da prática ser amplamente reconhecida e utilizada no contexto escolar, ainda existem desafios significativos relacionados à formação adequada dos docentes, à clareza na distinção entre contação de histórias e mediação literária, bem como às condições necessárias para a implementação eficaz e contínua dessa prática.

Com base nos resultados apresentados, podemos destacar especialmente o papel fundamental da contação de histórias no

desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da empatia das crianças. Ao ouvirem histórias, as crianças não apenas expandem seu vocabulário e aprimoram suas capacidades de expressão oral, mas também desenvolvem a imaginação ao se transportarem para diferentes cenários e situações. Além disso, a identificação com personagens e situações variadas proporciona às crianças oportunidades valiosas para desenvolver empatia, aprendendo a compreender e respeitar os sentimentos e perspectivas dos outros.

Desta maneira, compreendemos que é imprescindível a realização de investimentos contínuos na formação inicial e continuada dos professores, garantindo que estejam preparados para selecionar histórias adequadas, aplicar técnicas narrativas eficazes e diferenciar claramente entre as práticas de contação e mediação literária. Além disso, é essencial garantir o acesso a recursos pedagógicos adequados, proporcionando às crianças um ambiente acolhedor e rico em estímulos sensoriais e emocionais.

Deste modo, concluímos que a contação de histórias não é apenas uma atividade pedagógica, mas uma ferramenta poderosa para fomentar o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, contribuindo para a formação de indivíduos mais criativos, comunicativos e empáticos desde os primeiros anos de vida escolar.

REFERÊNCIAS

ABATE, Elizabete Aparecida Bragatto; STOLTZ, Tania. Contação de histórias e desenvolvimento do adulto contador. **Práxis Educativa**, 2020, 15.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 3. Ed. -. São Paulo, SP: Scipione, 1997. 174 p.

BRASIL. **Guia de contação de histórias**. Brasília: MEC 2022. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia_de_contacao_de_historias.pdf. Acesso em 11 abr. 2025.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. 2004. Editora Ática.

DORIA, N. da S.; NOVAIS, S.; BARTOLOMEI, M. A contação de histórias e suas implicações no processo de formação do pedagogo. **Temas em Educação**, v. 32, n. 1, p. 1-18, 2023.

LIMA, Mônica Oliveira. **A prática da contação de histórias na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, 47 f., Fortaleza, 2018.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Almedina Brasil, 2021.

MOURA, Vera. Práticas de contação de histórias na Educação Infantil: as sutilezas de uma arte milenar em contextos escolares. **Revista Práticas em Educação Infantil**, vol. 3; nº 3. Rio de Janeiro: 2018.

NASCIMENTO OLIVEIRA, Luziara. **A contação de história na educação infantil como prática pedagógica**: Concepções de professores da região metropolitana do Recife. 2021. 40 f. TCC (Graduação em Pedagogia) Recife. 2021.

OLIVEIRA, Viviane Campos. **A arte de ler e contar histórias para crianças de um a três anos**. 42 f. TCC (Graduação em Pedagogia). FACAMP, 2009.

OLIVEIRA, Dione A. N. **A contação de histórias como ferramenta pedagógica, no primeiro ciclo do ensino fundamental**: Um relato de experiências ocorrido por meio de estágio. 2017. 39 f. TCC (Graduação em Pedagogia) Castanhal. 2017.

SANTANA, K. C. A. **A importância da contação de histórias na educação infantil**. 2018. 32 f. TCC (Graduação em pedagogia). Aparecida de Goiana. 2018.

SANTOS, A. P. dos .; SILVA, J. P. dos S. e . **A contação de histórias como ferramenta didática na educação infantil**. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 1, n. Especial, p. 41–51, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.3757431. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/195>. Acesso em: 20 ago. 2024.

RODRIGUES, Maria Helena Vieira. **A contação de história na educação infantil**. Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância) – UFPB/CE. 40f. João Pessoa: 2014.